

A HISTÓRIA PARA NÓS

DEUS, O CRIADOR (CAP. 1)

Gênesis fornece uma base para a fé ao proclamar que Deus é o Criador. O relato não começa com argumentos abstratos em favor da existência de Deus, como fazem livros sobre a filosofia da religião. Ele também não apresenta dados ou experimentos científicos que poderiam ser usados para se provar que Deus existe ou que Ele criou o mundo e toda forma de vida nele existente. A Bíblia não começa com um ataque frontal à mitologia politeísta fantástica predominante em todo o Oriente Próximo antigo. Ela começa com uma proclamação de fé no único e soberano Deus que criou os céus, a terra e todas as coisas vivas – o ser humano em particular – por ser Ele um Deus que só quer abençoar a Sua criação.

Alguns talvez vejam essa abordagem do relato bíblico como um ponto fraco por colocar a fé em primeiro plano e, aparentemente, rejeitar a razão e o conhecimento científico. Todavia, na realidade, o texto apenas exclui uma fé cega na razão humana e em pressuposições naturalísticas que se escondem por trás da ciência, mas que jamais chegam à verdade absoluta sobre Deus ou a criação. Em outras palavras, como não havia observadores humanos presentes no princípio, quando a criação aconteceu, não se pode provar cientificamente que Deus foi responsável pela criação de todas as coisas, ou que tudo aconteceu por acidente. Mesmo que houvesse uma testemunha presente, não haveria como repetir o ato da criação como forma de prova científica. Por isso, a criação e os começos continuam pertencendo à categoria da fé.

Ter fé em Deus como o Criador é mais lógico do que ter fé no mero acaso. A afirmação “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (1:1; grifo meu) é obviamente uma afirmação de fé sem prova alguma. Por essa razão, alguns escarnecem e dizem: “A sua fé em que Deus é o Criador é só um tiro no escuro sem prova alguma; por isso eu prefiro depositar a minha confiança na ciência, a saber, a ciência que pode ser demonstrada e provada”. Entretanto, quando se rejeita Deus como o Criador, a outra única afirmação possível é: “No princípio, criou o *acaso* os céus e a terra”. Ambas são afirmações de *fé*; nenhuma pode ser provada ou refutada cientificamente. Sendo assim, não se trata de uma questão de fé *versus* conhecimento (ciência); mas a questão é: “Que tipo de fé você vai ter?” Qual crença é mais lógica e razoável: crer que a ordem apareceu acidentalmente da desordem, a vida da não-vida, e a consciência humana da matéria inconsciente – ou que um Criador idealizou o universo complexo e suas formas de vida? O problema para o descrente é que nunca se conseguiu, nem pode se conseguir demonstrar a origem da vida por experimento científico ou observá-la na natureza. Por isso, quem deposita a fé no *acaso* é, na realidade, quem está dando o tiro no escuro, confiando numa noção que é contrária à verdade científica conhecida.

A fé naturalística se baseia num fundamento fraco. A natureza não científica da fé no *acaso* se ilustra pelo seguinte: se uma pessoa tivesse um balde contendo milhões de grãos de areia fina, quantas vezes ela teria que derramá-lo no chão para que, acidentalmente, ele se espalhasse corretamente formando a Constituição Brasileira? A resposta é evidente, pois ninguém julgaria possível isso acontecer, mesmo que se tentasse até o fim dos tempos. As probabilidades de isso não acontecer são tão astronômicas

que seria necessário um livro do tamanho de um dicionário sem abreviações apenas para escrever todos os zeros após o número. Ninguém, realmente, esperaria que esse fato ocorresse; mas em nome da ciência natural, nos dizem que a ordem e o *design* do universo, do sistema solar e da nossa terra – com suas complexas formas de vida – são nada mais que o resultado de puro *acaso*. Essa fé cega não faz sentido porque é contrário a tudo que vemos e experimentamos nesta vida com os nossos sentidos.

E se houvesse uma explosão acidental num terreno de sucata, e quando a poeira baixasse, eis que em vez de apenas pedaços e peças de refugo, se encontrasse um computador e monitor perfeitos? E se, num exame mais detalhado, se descobrisse que ele tem grande capacidade de memória, mais um sistema operacional e uma variedade de programas complexos? Se o observador perguntasse ao dono do terreno de sucata: “De onde veio esse computador? Quem o fez? Como ele chegou aqui?”, ele certamente não estaria propenso a crer no dono, se este respondesse: “Não sei como ele chegou aqui. Não vejo nenhuma prova de que alguém o fez. Provavelmente ele simplesmente veio a existir por acidente como resultado de uma explosão”. Mais uma vez, nenhuma pessoa racional acreditaria que isso poderia acontecer, mesmo que houvesse explosões em todos os terrenos de sucata do mundo até o fim dos tempos. Ordem sofisticada jamais advém de caos descontrolado. Antes, a ordem decorre de um *design* ou projeto inteligente e de uma construção cuidadosa. Isto se aplica seja a um computador e seus programas, seja aos céus e à terra, com toda a sua variedade de vida.

O salmista refletiu: “...por modo assombrosamente maravilhoso me formaste” (Salmos 139:14); porém, ninguém podia imaginar plenamente como essa declaração é verdadeira até o fim da década de 90, quando cientistas finalmente conseguiram mapear os três bilhões de códigos do genoma humano. A vida humana começa com uma célula fertilizada no útero de uma mulher. A complexidade da célula e o incomensurável montante de informações em cada um levou Bill Gates, fundador da Microsoft Corporation, a afirmar: “O DNA é como um programa de *software*, só que muito mais complexo do que qualquer coisa que nós já inventamos”¹. Evidentemente,

ninguém sugeriria que um complicado programa de computador poderia acontecer por acidente sem o projeto inteligente de um programador habilidoso, mas os que acreditam que a complexa estrutura da célula apenas aconteceu por acaso não podem oferecer nenhuma explicação sobre como tudo isso aconteceu. De fato, ainda que cientistas estejam, há cinco décadas, à procura de uma causa naturalística que explique a existência da vida e as complexidades do DNA na célula, até aqui não produziram nenhuma prova para sustentar qualquer teoria da origem da vida². Continuam tendo esperança de que um dia será provado que “No princípio, criou o *acaso* os céus e a terra”. A incredulidade deles num Criador não é por falta de provas quanto à natureza da vida e sua origem; antes, essa descrença parece ilustrar o velho adágio: “Ninguém é tão cego como os que não querem ver”.

DEUS E SEU PROPÓSITO NO PRINCÍPIO

(CAP. 1)

Deus tinha um propósito em Cristo antes da criação. Quando o autor de Gênesis escreveu as palavras “No princípio”, ele não quis dizer que nada, exceto Deus Pai, existia antes do “princípio”. Jesus, às vésperas da cruz, orou ao Pai e conclui dizendo: “...Me amaste antes da fundação do mundo” (João 17:24). Isto revela uma coisa que remonta à eternidade – a um tempo anterior à expressão “no princípio”. O apóstolo Paulo, dirigindo-se a cristãos, disse: “assim como nos escolheu nEle antes da fundação do mundo” (Efésios 1:4); portanto, antes do princípio, existia algo além da situação estática. Foi feita uma escolha que envolveu a vontade e o pensamento de Deus em favor de nós por meio de Jesus Cristo.

Deus planejou antes da criação expressar Seu amor e propósito por meio da cruz de Cristo. Antes de Deus criar o homem e a mulher e dar-lhes livre arbítrio, Ele sabia que, inevitavelmente, eles fariam más escolhas e pecariam; vindo, portanto, a precisar de perdão e de um Salvador. Às vezes, pessoas questionam: “Se Deus sabia que os homens, inevitavelmente, iriam pecar, prejudicar a si mesmos e a outros, e acabar desagradando a Ele, por que ele criou seres huma-

¹L. D. Virgilio, *DNA vs. Evolution: The Little Code That Confirms the End of Evolution*. Bloomington, Ind.: Author House, 2009, p. 107.

²Lee Strobel, *The Case for a Creator*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2004, p. 226.

nos com livre arbítrio?”

A mesma pergunta poderia ser feita em relação aos seres humanos: Se os maridos e as esposas sabem que os bebês que eles trouxeram ao mundo, em algum momento de suas vidas, vão desobedecê-los e talvez até os decepcionem, porque as pessoas continuam tendo filhos? A única alternativa para evitar filhos potencialmente desobedientes a Deus ou aos seres humanos seria criar um mundo de robôs que pudessem ser programados para jamais se queixarem e sempre obedecerem aos comandos a eles impostos. Ninguém iria querer viver num mundo tão insensível e estéril, e Deus provavelmente jamais pensou na possibilidade dessa criação. Ele criou um mundo em que seres humanos são feitos à Sua imagem e possuem livre arbítrio (1:26, 27).

Deus sabia antes da criação que os homens pecariam e necessitariam de um Salvador. Na plenitude do tempo, Deus se propôs a dar uma demonstração definitiva do Seu amor mandando o Seu Filho ao mundo para pagar a pena por nossos pecados morrendo na cruz (João 3:16). Depois de testemunhar a morte e ressurreição de Jesus, no dia de Pentecostes, Pedro fez seus ouvintes judeus se lembrarem de que Deus atestou-lhes Jesus de Nazaré por milagres, maravilhas e sinais inquestionáveis realizados na presença deles. A seguir, o apóstolo afirmou que a crucificação de Jesus, na verdade, ocorreu segundo “o determinado desígnio e presciência de Deus”, e que ele e os demais apóstolos eram todos testemunhas de Sua ressurreição e ascensão ao céu, onde Ele agora reina como “Senhor e Cristo” (Atos 2:22–24, 32–36).

Isto não significa que Deus obrigou os assassinos a matar Jesus contra a vontade deles. Significa simplesmente que Deus sabia de antemão que homens maus rejeitariam o Seu Filho. A morte de Jesus não foi um acidente trágico nem um erro infeliz; ela foi sacrificial quanto à natureza e foi “conhecido antes da fundação do mundo” (1 Pedro 1:20). Semelhantemente, Paulo escreveu que Deus “nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a Sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos” (2 Timóteo 1:9). Obviamente, já exista alguma coisa antes da fundação do mundo – desde toda a eternidade – e o que existia não era estático e impessoal. Pelo contrário, era o propósito pessoal de Deus derramar Seu amor e graça sobre o homem através de um Salvador, Seu Filho Jesus Cristo (João 3:16). Ao homem foi dado

o livre arbítrio tanto para aceitar como para rejeitar Jesus como Senhor. Podemos ser salvos crendo na mensagem do evangelho, nos arrependendo de nossos pecados, confessando nossa fé que Cristo é o Filho de Deus e colocando Jesus como nosso Salvador sendo batizados em Seu sangue remidor (Romanos 10:9–13; Gálatas 3:27; 1 Pedro 1:18, 19).

Somente um Deus pessoal poderia dar propósito e sentido para a humanidade. Parte da boa notícia do evangelho é que Deus não é uma força impessoal: Ele também não é o Motor Imóvel da filosofia grega nem uma Primeira Causa de todas as demais causas e efeitos, destituído de emoções, sentimentos, preocupação, amor ou propósito para com a raça humana. Tampouco, Deus é o “todas as coisas” impessoal das religiões orientais panteístas, segundo as quais tudo que existe, seja animado seja inanimado, pode ser identificado como Deus. Ao contrário disso, Deus é um Ser pessoal que criou todas as coisas e criaturas – especialmente o homem, feito à Sua própria imagem. Deus ama todas as pessoas, mesmo que algumas pessoas não sejam dignas de amor. Só um Deus pessoal pode explicar a personalidade do homem e dar-lhe a dignidade de ser uma criatura feita à imagem divina. Isto, por sua vez, fornece uma base para entendermos as relações humanas e a necessidade de tratar nossos semelhantes com amor e respeito porque eles também levam a imagem de Deus.

A criação tem um propósito e os seres humanos se movem em direção a um alvo. Deus, um dia, consumará todas as coisas em Cristo (Efésios 1:10). Nosso destino determinado é comparecer perante o tribunal do Senhor, onde cada um será “receb[erá] segundo o bem ou o mal que tiver feito” (2 Coríntios 5:10).

O propósito divino de salvar a humanidade está condicionado à livre resposta do homem. A salvação não está predeterminada incondicionalmente. Deus “não quer que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3:9). Ele “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Timóteo 2:4–6). Cristo convida todos a irem até Ele (Mateus 11:28), mas Ele não obriga ninguém a isso. Cada um que ouve o evangelho tem a oportunidade e a responsabilidade de responder com fé no Senhor e obediência à Sua vontade de que se torne uma nova criatura em Cristo (Marcos 16:16; João 3:3–5; Atos 2:38–40; 2 Coríntios 5:17).

PROVAS DA IMAGEM DE DEUS NO HOMEM (1:26–28)

Há dois mil anos, teólogos se empenham na tentativa de definir a imagem de Deus no homem, porém não obtiveram êxito em alcançar uma interpretação universal e unânime. O homem é uma criatura única neste mundo, e suas diferenças qualitativas o distinguem dos animais como um ser feito à imagem de Deus.

Somente o homem exerce domínio (governo) sobre a terra e todo o reino animal. Quando Deus criou o homem, deu-lhe o domínio sobre os animais, porém o homem está abaixo de Deus como um mordomo a quem foi confiada uma tarefa sagrada. O homem vive entre dois mundos: o físico e o espiritual. Assim como os animais, ele possui um corpo físico feito do pó da terra, que precisa de sustento. Ele também necessita de ar, água e nutrientes, mas ele é a única criatura que pode ouvir a voz de Deus e ter pensamentos segundo Deus (veja Salmos 8:3–9).

Portanto, o domínio do homem sobre os animais é espiritual e não físico. Tem a ver com qualidade, e não com quantidade. O homem não tem um cérebro maior do que uma baleia azul. Ele não é tão forte quanto um leão ou tão veloz quanto um leopardo. Sua visão não se compara com a de uma águia. É claro que a superioridade do homem sobre os animais não está no campo físico de algo que pode ser quantificado; antes, só pode ser uma qualidade espiritual que Deus incorporou em cada ser humano.

Somente o homem pode transcender a si mesmo. Os animais podem pensar, mas o homem pode sobrevoar a si mesmo e pensar no processo de pensamento. Ele pode fazer importantes perguntas: “Quem sou eu?”; “De onde vim?”; “Por que estou aqui?” Só o homem tem crise de identidade e tenta descobrir suas raízes e propósito na vida. Os animais não lutam com essas questões.

Somente o homem tem a capacidade de aprender com a experiência, acumular conhecimento e transmiti-lo a gerações sucessoras. O homem é a única criatura para quem o passado (a história) é importante. Ele acumula dados do passado e os transmite para que cada geração seja mais conhecedora do que a anterior. O homem pode preservar o conhecimento de forma escrita e oral, de modo que seus filhos e netos não tenham que descobrir tudo de novo.

Somente o homem é inquieto com as coisas físicas da vida. Isto talvez se deva, em parte, ao fato de Deus “ter colocado a eternidade no coração do homem” (Eclesiastes 3:11). 1) O homem nunca se satisfaz com os bens materiais que ele possui. Os animais se contentam com as necessidades simples da vida. 2) O homem nunca se satisfaz com quem ele é, com que ele se parece, o que ele sabe, o que experimenta ou o que realiza. Os animais não possuem esse desejo de ver, ouvir ou experimentar coisas novas o tempo todo. Nem têm eles o impulso de ser mais bem sucedidos que os demais animais à sua volta. Eles se contentam com vidas simples e monótonas, as quais seriam entediadas para nós, seres humanos. 3) O homem tem um espírito aventureiro que o impulsiona em direção a novas fronteiras. Ele sempre tem de descobrir o que há além do próximo rio, da próxima cordilheira ou oceano. Ele quer saber o que há na lua, nos outros planetas e nas longínquas galáxias. Os animais não se importam com essas questões; eles não têm a capacidade de formar um conceito de outros continentes, países ou mundos. Sem se dar conta, em sua busca por completude e perfeição, o homem dá testemunho da imagem de Deus nele inserida. O homem não foi feito para o tempo e para o que é finito; ele foi feito para a eternidade e o que é infinito: Deus. Agostinho escreveu: “Tu nos formaste para Ti e nossos corações não descansam até encontrar descanso em Ti”³.

Somente o homem é um ser moral constituído de um senso de dever. Ele luta com o certo e o errado, e se esforça para lidar com uma consciência culpada (João 8:7–11; Romanos 2:12–16; 1 Coríntios 8:7–13; 1 Timóteo 1:19; 3:9; 4:2; 1 Pedro 3:16–21). Quando uma criança nasce, os pais não sabem exatamente o que o recém-nascido, um dia, será ou fará. Toda criança cresce com perguntas como: “O que farei com minha vida?” Os animais agem pelo instinto; eles têm um destino os cumprem naturalmente. Quando um gato nasce, sabemos o que ele será e fará: ele será um gato e fará o que é natural aos gatos. O pensamento de Hamlet é pertinente somente ao ser humano: “Ser ou não ser, eis a questão”⁴. Só o homem tem a capacidade de escolher qual direção sua vida tomará, que tipo de vida ele quer viver. O homem pode optar por ser nobre, amoroso e justo; ou pode optar por ser vil, egoísta e mau. Escolhas desse tipo não são uma opção para animais porque eles não

³Agostinho, *Confissões* 1.1.1.

⁴William Shakespeare, *Hamlet* 3.1.55.

são criaturas morais.

Somente o homem possui uma percepção estética que o leva a produzir arte, pintura, poesia e escultura. Os seres humanos são as únicas criaturas que trabalham semanas ou meses em algo que não têm valor para sua sobrevivência. A criatividade é contrária ao modelo ateu evolucionário: se nessa teoria o homem, por um período de milhões de anos, desenvolveu habilidades para ajudá-lo a sobreviver, então escaparam nesse processo características que não contribuíram para sua sobrevivência. Evidentemente, isso não aconteceu com o homem; em vez de serem coibidas, suas tendências estéticas foram ficando cada vez mais proeminentes. Nenhum animal se importa com a estética porque ela em nada contribui para seu bem-estar. Um pássaro apanha lindos fios para o seu ninho porque eles são úteis para revestir o ninho. Um castor constrói seu dique para ser forte e funcional. Deus, que criou um mundo lindo com toda a sua simetria e *design*, também criou o homem e instilou nele o desejo de cercar-se de beleza e simetria, com equilíbrio de cores, formas e constituição. Nessa bênção também há o perigo de o homem buscar realização total na beleza, no lugar de Deus. Inevitavelmente,, aquele que cai nessa ar-

madilha, em vez de encontrar felicidade e realização, experimenta frustração e futilidade (vaidade), como aconteceu com o “pregador” de Eclesiastes tempos atrás (Eclesiastes 1:1, 8; 2:1–11).

Somente o homem tem um conceito de vida futura além-túmulo. Só os seres humanos sepultam os mortos. Apesar dos relatos anedóticos alegando que animais como os chimpanzés e elefantes sepultam seus mortos, nenhuma verificação científica credencia esses relatos. Embora os animais enfrentem a morte e, até certo ponto, pareçam temê-la e lamentar por ela, eles não se preparam para a morte. Alguma coisa dentro do homem sugere um aspecto sagrado na morte. Ele vê a morte como um evento precioso, mas não como o fim; ele tenta sobreviver a ela (2 Samuel 12:19–23; Salmos 23:4–6). Nas sociedades antigas, as pessoas sepultavam seus mortos com objetos preciosos que eles acreditavam ter alguma utilidade ou valor no próximo mundo. Isto testifica que Deus colocou a eternidade no coração do homem (Eclesiastes 3:11).

Deus fez o homem um ser único. A bênção dessa singularidade está atrelada a uma responsabilidade especial de servir e louvar o Criador.

Autor: Bill Grasham

© A Verdade para Hoje, 2016

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS